

LICÃO 4 – A CELEBRACÃO DA PRIMEIRA PÁSCOA

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

Conceito de Páscoa:

- A palavra Páscoa deriva do hebraico *pessach*, que significa “passagem”.
- A Páscoa é, para os judeus, uma oportunidade para se lembrarem anualmente, festejarem e adorarem a Deus pelo grande livramento da escravidão do Egito. Foi a passagem da escravidão para a liberdade.
- Simbolicamente, Cristo é o nosso Cordeiro Pascal; Ele morreu para nos trazer a redenção, nos livrar da escravidão do pecado e sua condenação eterna. Como pecadores, estávamos destinados a experimentar a ira de Deus, mas Cristo morreu em nosso lugar e com o Seu sangue nos redimiu dos nossos pecados (1Co. 5.7). Portanto, para os cristãos, a Páscoa é a passagem da morte dos nossos pecados para a vida de santidade em Cristo.
- No Egito um cordeiro foi sacrificado para cada família. Na cruz, o Filho de Deus morreu pelo mundo inteiro.
- Para os egípcios, a Páscoa significou o juízo divino final sobre o Egito, Faraó e seus deuses. Deus já tinha avisado Faraó e os egípcios de várias maneiras, inclusive com as 9 pragas anteriores, que agiram numa escala ascendente de gravidade, para alertá-los do mal que estavam cometendo ao desobedecer a Deus.
- Antes que alguém possa acusar Deus de crueldade ao matar “crianças inocentes”, lembremos de que o próprio Faraó já havia mandado matar todos os meninos (não só os primogênitos) de Israel (Ex. 1.16,22), de maneira que o povo egípcio merecia essa “maldade”. Além disso, os egípcios eram extremamente idólatras, e as crianças já nasciam idólatras, e a pena para a idolatria é a morte.
- Deus é longânimo, misericordioso, e deseja que todos se salvem (2Pe. 3.9b). Mas Ele também é um juiz justo que se ira contra o pecado (Sl. 7.11). A última praga, a matança de todos os primogênitos, foi o juízo final sobre os egípcios, uma noite terrível.
- Deus determinou um novo começo para o povo de Israel (v. 2). A páscoa, que fazia Israel lembrar-se de sua libertação da servidão egípcia, assinalaria uma nova fase; a páscoa marcava o começo do ano.
- Este mês refere-se a Nisã (março-abril), o qual, no calendário eclesiástico pós- exílico, marcava o começo dos meses (ver Lv. 23.5,23-25). De acordo com o calendário agrícola mais antigo, o ano novo começava no outono (Ex. 22; 23.16; 34.22).

- Os acontecimentos aqui registrados ocorreram no sétimo mês do ano civil, que começava em setembro-outubro. Mas o ano religioso passou a começar nesse tempo. Dotado de um novo calendário, o povo de Israel recebia uma nova identidade, como o povo favorecido por Deus, a caminho de volta à Terra Prometida. Dessa maneira teria cumprimento certo aspecto do Pacto Abraâmico (ver Gn. 15.18), porquanto Israel teria um território pátrio.

- Doravante, Israel teria dois anos, um civil e outro sagrado. O ano civil começava no mês de Tisri, no outono, ao encerrar-se a colheita; e o ano sagrado começava no mês de Abibe (mais tarde chamado Nisã), seis meses antes. Até hoje Israel ainda considera o mês de Abibe (ou Nisã) como o início de seu ano sagrado, e Tisri como o início de seu ano civil

- Pelo fato de a Páscoa assinalar um novo começo para Israel, o mês em que ela ocorreu (março/abril em nosso calendário) tornou-se o primeiro dos meses de um ano novo para a nação. O propósito foi lembrar ao povo que sua própria existência como povo de Deus resultou do seu livramento do Egito, mediante os poderosos atos redentores de Deus.

- Por curiosidade, são os seguintes os meses do calendário hebreu, com a devida correspondência e as festas sagradas:

- 1) Nisã ou Abibe (Ex. 13.4, 23.15, 34.18; Dt. 16.1; março/abril; páscoa – Lv. 23.5, pães asmos – Lv. 23.6 – e primícias da colheita – Lv. 23.10); a palavra Abibe significa “espigas verdes”, pois nessa época começava a colheita;
- 2) Liar ou Iyyar ou Zive (1Rs. 6.1,37; abril/maio; segunda páscoa – Nm 9.10-11);
- 3) Sivã (Et. 8.9; maio/junho; pentecoste ou festa das semanas – Lv. 23.16);
- 4) Tamuz (junho/julho);
- 5) Abe (julho/agosto);
- 6) Elul (Ne. 6.15; agosto/setembro);
- 7) Tisri ou Etanim (1Rs. 8.2; setembro/outubro; trombetas – Nm. 29.1, Lv. 23.24 –, dia da expiação – Lv. 23.27 – e tabernáculos – Lv. 23.34);
- 8) Maresvã ou Marchesvã ou Bul (1Rs. 6.38; outubro/novembro);
- 9) Quisleu ou Quislev (Ne. 1.1; novembro/dezembro; dedicação – Jo. 10.22);
- 10) Tebete (Et. 2.16; dezembro/janeiro);
- 11) Sabate (Zc. 1.7; janeiro/fevereiro; purim – Et. 9.24-32);
- 12) Adar (Et. 3.7; fevereiro/março).

- Para manter a relação dos meses lunares com o ano solar, era necessário acrescentar periodicamente um 13º. mês, chamado “2º. Adar”. Os meses judaicos normalmente são identificados nas Escrituras pelo número, e não pelo nome.

- A lei da religião acerca de dias, semanas, meses, anos e forma de adoração foi totalmente abolida no Novo Testamento. Não se faz menção a nenhum mês em particular em todo o Novo Testamento, quando comparada às 158 vezes no Antigo Testamento. Paulo condena a observância dos dias, dos meses, das épocas e dos anos, e o respeito para com feriados, a lua nova ou os dias de sábado como eventos essenciais para a salvação na nova aliança (Rm. 14.5-6; Gl. 4.9-10; Cl. 2.14-17).

- Para que os israelitas fossem poupados da praga da morte, em cada casa um cordeiro sem defeito teve de ser imolado, e seu sangue aspergido nos umbrais das portas. Isto significava que, ao matarem o cordeiro, os israelitas estariam derramando sangue inocente, e o animal sacrificado servia de substituto do primogênito que seria morto naquela casa. Desse ponto em diante, o povo hebreu entenderia com clareza que, para ser poupado da morte, uma vida inocente deveria ser sacrificada em seu lugar.

- Não é que o próprio sangue do cordeiro na porta teria o poder de livrar os israelitas da morte. Ele apenas simbolizava a morte de um animal inocente para expiar a culpa. O que realmente foi importante na colocação do sangue na porta foi a obediência. Aqueles que obedeceram incondicionalmente à ordem de Deus de colocar o sangue na porta, mesmo sem entender direito o significado dessa ordem, salvaram-se da morte dos primogênitos.

- Obedecer incondicionalmente é obedecer sem questionamento, e sem querer fazer à sua própria maneira, como fazia Saul (1Sm. 15.1-23). Deus não mandou que eles pensassem a respeito e fizessem da forma como queriam, ou apenas se concordassem com o que Ele tinha estipulado. Ele mandou eles fazerem tudo conforme foi prescrito; eles só teriam que obedecer, nada mais. Nem toda ordem deve ser explicada ou justificada; a obediência deve ser incondicional, mesmo quando não entendemos as razões da ordem. Imagine-se se, numa guerra, o comandante tiver que explicar e convencer os seus subordinados de todas as suas ordens para que eles a cumpram; muitas vezes não haverá tempo e todos morrerão.

- O sacrifício era feito à tarde. Logo, tratava-se de uma festa noturna, celebrada durante o tempo da lua cheia (v. 8; ver também Is. 30.29). Os judeus tinham duas tardes. A primeira era às 15h (a hora nona, hora em que Jesus morreu – Mt. 27.46) e a segunda às 18h, ou quase no pôr-do-sol. De acordo com a ortodoxia judaica, o abate do animal ocorria ao aproximar-se a noite. A *Mishna* (Tradição oral do judaísmo reduzida a escrito) diz-nos que era apropriada qualquer hora depois do meio-dia para esse abate. Os samaritanos, os caraítas e os saduceus especificavam o crepúsculo, antes de as trevas absolutas cobrirem a terra. A prática original por certo era consumir o cordeiro pascal durante a noite. Josefo explicou que, em seus dias, o sacrifício tinha lugar entre a nona e a décima primeira horas (entre as 15 horas e as 17 horas).

- Os israelitas deveriam comer a páscoa com os lombos cingidos (com o cinto para prender a roupa, que era larga), os sapatos nos pés, o cajado na mão e apressadamente (v. 11). Ou seja, comiam vestidos e prontos para viajar. Já tinham estado no Egito por tempo bastante. Um novo lar e um novo destino esperavam por eles.

- As sandálias usualmente eram tiradas por ocasião das festividades e dias santos (ver Gn. 18.4,5; Lc. 7.44; Jo. 13.5). Na páscoa, porém, essa situação era revertida.

- O cajado era companhia constante dos viajantes, seu apoio e ajuda, e, ocasionalmente, sua defesa contra algum animal ou bandido que porventura atacassem (ver Sl. 23.4).

- Esta linguagem figurativa indica a necessidade de obediência irrestrita e imediata da parte do povo de Deus. Naquela noite, obedecer a Deus fez toda a diferença para os israelitas, foi uma questão de vida ou morte.

- Comer o banquete da Páscoa vestidos e prontos para a viagem era um sinal de fé dos hebreus. Embora não estivessem ainda livres, eles precisavam estar preparados, porque Deus havia dito que os tiraria do Egito. Demonstramos nossa fé quando nos preparamos para o cumprimento das promessas de Deus, por mais improváveis que estas possam parecer.

Os elementos da Páscoa:

- O pão: simboliza a vida. Jesus se identificou como o “pão da vida” (Jo. 6.35). O partir do pão na Ceia do Senhor traz à nossa memória o sacrifício vicário de Cristo. O pão deveria ser assado

sem fermento pois não havia tempo para esperar que ele crescesse, o que simboliza a purificação, pois o fermento representa as falsas doutrinas e o pecado (1Co. 5.6-8). Jesus usou o fermento para ilustrar o falso ensino dos fariseus (Mt. 16.6,11,12, Lc. 12.1, Mc. 8.15).

- Originalmente, o *matzoth* (ou *matsah*), a festa dos pães asmos, era distinto da páscoa. Porém, havia uma festa preliminar e primitiva dos pães asmos, em conjunção com a páscoa.

- As ervas amargas: simbolizavam toda a aflição enfrentada no cativeiro. Foram 430 anos de opressão, dor, angústia, quando os hebreus eram cativos do Egito. Tipologicamente, apontavam para os sofrimentos de Cristo. A *Mishna* dá os ingredientes necessários.

- O cordeiro: simbolizava a necessidade de derramamento de sangue para expiação do pecado. Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo. 1.29). O cordeiro precisava ser sem defeito, representando Cristo, que morreu sem pecado (ver 1Pe. 1.19 e Jo. 1.29). O seu sangue protegeria os hebreus da morte dos primogênitos, assim como o sangue de Cristo nos livra da morte em razão do pecado.

- Cada cordeiro seria morto para um certo número de pessoas, as quais, juntas, deveriam observar a páscoa. Os rabinos não permitiam menos de dez pessoas para um cordeiro e não mais de vinte.

- Originalmente, aceitava-se tanto o cordeiro (filho de ovelha) quanto o cabrito (filhote de cabra, v. 5); depois se tornou tradicional servir um cordeiro.

- O cordeiro ou cabrito teria que ser um animal que já tivesse completado seu primeiro ano de vida, ou que ainda estivesse dentro de seu primeiro ano de vida, sem ter ainda atingido essa idade. A Septuaginta fala em um ano completo, o que tem levado a maioria dos estudiosos a pensar em uma idade exata do animal a ser sacrificado. Mas há quem suponha que a prática original fosse abater um cordeiro ainda bem novo, talvez com apenas algumas semanas de nascido.

- O animal a ser sacrificado era separado do rebanho no décimo dia do mês, e, então, guardado para o sacrifício por quatro dias. O décimo quarto dia era o dia do sacrifício do cordeiro da páscoa. Qualquer pessoa poderia matá-lo. Talvez esse período intermediário de quatro dias desse ao povo tempo amplo para que as pessoas se certificassem de que o animal não tinha defeito. Tipologicamente falando, de acordo com alguns intérpretes, isso mostra Cristo preservado em Sua infância, enquanto estava sendo preparado para Sua missão expiatória.

- O sangue era porção do sacrifício que, de acordo com a antiga crença, destinava-se ao poder divino (ver Lv. 1.5). Originalmente, o sangue foi aplicado às ombreiras e à verga da porta de cada casa, ou seja, a parte mais santa e dedicada da casa (Lv. 21.6; Dt. 6.9). No dia da matança dos primogênitos no Egito, isso atuou como uma medida protetora contra o anjo destruidor, que, vendo o sangue aplicado, passaria por sobre a casa assim protegida.

- O mesmo anjo destruidor (o Anjo de *Yahweh*) que matou os primogênitos do Egito também foi o anjo protetor de Israel. Assim foi e assim será sempre: escolhermos como o Poder Divino haverá de relacionar-se conosco. No caso dos israelitas, o cordeiro era morto em lugar dos filhos primogênitos, o que aponta para o poder vicário do sacrifício de Cristo.

- Talvez o sangue também simbolizasse um laço que congregava a família e a comunidade, tendo-se tornado assim um sinal do pacto que todos eles compartilhavam com Deus.

- A proibição ao consumo de sangue não permitia que a carne fosse comida crua. O cordeiro deveria ser assado (v. 8), não cozido (v. 9), nem em água, nem em leite, como era costume na época. Mas Dt. 16.7 parece sugerir que a carne cozida era uma alternativa para a carne assada. Em suas condições primitivas, no deserto, o povo de Israel podia assar o cordeiro com mais facilidade do que usar qualquer outra forma de cozimento. Posteriormente, porém, os cordeiros eram cortados em pedaços e cozidos (1Sm. 2.14,15).
- O carneiro era assado no fogo, incluindo a cabeça, os pés e a fressura. Fressura é o conjunto de vísceras do animal, ou seja, coração, fígado, bucho, pulmão etc. Alguns dizem que o canal intestinal não está incluído, não devendo ser ingerido. As vísceras deveriam ser tiradas, limpas cuidadosamente, e repostas em seu lugar.
- O fato de que o cordeiro tinha de ser preparado e consumido inteiro, apontava para a obra divina completa e perfeita, o perfeito sacrifício expiatório de Cristo.
- Justino Mártir disse que o animal era preparado para ser usado mediante o uso de dois espetos de madeira, um perpendicular e outro transversal, formando uma espécie de cruz, o que, sem dúvida, tipifica muito aptamente o Cristo crucificado.
- A *Mishna* diz que o cordeiro era assado mediante o uso de um espeto de madeira de romãzeira, que atravessava a carcaça. Não eram permitidos nem metais e nem grelhas. Segue uma foto da forma como o cordeiro era assado, onde se pode ver a semelhança com a cruz de Cristo:



- Intérpretes judeus chegaram a debater se o animal deveria ser assado com suas pernas dobradas dentro ou fora da carcaça. Isso parecia importante para eles, embora para nós seja algo inteiramente sem valor. Fato é que o cordeiro deveria ser assado sem que nenhum osso fosse quebrado (v. 46; cf. com a experiência de Jesus, em Jo. 19.32-36).

- Coisa alguma podia restar do cordeiro pascal; mas, se porventura sobrasse, isso teria de ser queimado, sem sobrar nenhuma porção da carne. A razão disso é que coisa alguma do sacrifício sagrado podia ser consumido com propósitos profanos, como almoçar no dia seguinte. Ademais, ao escapar do Egito para o deserto, Israel não seria capaz de levar consigo almoços extras. Tinham de caminhar o mais desimpedidos que fosse possível. Ainda mais, era um sacrifício noturno que não permitia que nada sobrasse até a luz do dia seguinte.

- Na literatura clássica há um paralelo geral do v. 10 do cap. 12 do livro de Êxodo. Catão referiu-se a um certo G. Albidius que queimou todos os vestígios de seu sacrifício por motivo da *propter viam*, ou seja, uma viagem apropriada e próspera, que ele faria no dia seguinte. Cumprir de modo absoluto o sacrifício era reputado como algo que agradava aos deuses, que então concederiam uma jornada próspera.

Cristo, nossa Páscoa:

- Nossa fome espiritual só pode ser saciada por Jesus. Ele é o pão da vida, e o que vai a Ele não tem fome (Jo. 6.35).
- Assim como nos alimentamos materialmente várias vezes por dia, também precisamos nos alimentar espiritualmente constantemente.
- Assim como nenhum osso do cordeiro poderia ser quebrado (Ex. 12.46), nenhum osso de Cristo foi partido (Jo. 19.33-36).
- O sangue de Cristo derramado provê a salvação para toda a humanidade, como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo. 1.29,36; Is. 53.7; At. 8.32-35; 1Co. 5.7; Ap. 13.8). Todos que quiserem se colocar sob o sangue de Cristo estarão protegidos da morte espiritual. Assim como algum egípcio pode ter sido liberto da matança dos primogênitos se tiver se refugiado em alguma casa dos judeus protegida pelo sangue do cordeiro¹, também pode qualquer pessoa hoje se livrar da condenação pelo pecado, colocando-se sob o manto protetor do sangue de Cristo.
- Cristo tornou-se o nosso cordeiro pascal, o sacrifício perfeito pelos nossos pecados, e, por Seu sangue, todo pecado pode ser purificado (Ef. 1.7; Hb. 9.22; Ap. 1.5). Uma vez que Ele nos libertou da escravidão do pecado, não devemos nos relacionar com os pecados do passado (“fermento velho”).
- A totalidade do sacrifício (o seu uso por inteiro) tipificasse Cristo em Sua completa pessoa divino-humana, o qual realizou um sacrifício perfeito, uma expiação sem o mínimo defeito. Cristo cumpriu a Sua missão nos papéis de Profeta, Sacerdote e Rei, e isso de modo perfeito.
- A Ceia do Senhor é um memorial, para nos lembrarmos que Cristo morreu na cruz por nós, para nos salvar da morte eterna que decorreria naturalmente dos nossos pecados. Devemos participar da Ceia com a mesma reverência que foi exigida dos judeus ao participarem da Páscoa.
- A penalidade imposta contra aqueles que ingeriam pão levedado, durante a festa dos Pães Asmos era o castigo de açoites. E isso mostrava para os judeus quão séria era a questão. Ora, se era tão importante para um judeu observar uma mera cerimônia, um ritual, nós também precisamos considerar importante a observância do ritual da Ceia do Senhor. Observe-se que a penalidade para o descaso com a Ceia é tão grave quanto era para os judeus o comer pão levedado na festa dos Pães Asmos (ler 1Co. 11.29-30).

Texto áureo:

1 CORÍNTIOS 5.7b

¹ A Bíblia nada fala a este respeito, mas é possível supor que algum egípcio tenha crido em Deus e salvo seu primogênito se protegendo em alguma casa hebréia protegida pelo sangue de Cristo. Dois fatos nos permitem essa suposição: 1) em Ex. 9.20-21, vemos que alguns servos de Faraó temeu a palavra do Senhor e se livrou da praga da saraiva; 2) por ocasião do êxodo, saiu do Egito, junto com os judeus, uma “mistura de gente” (Ex. 12.38), que era, provavelmente, egípcios que creram no Deus de Israel e resolveram se juntar ao povo judeu para servir ao Senhor.

7b Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.

- Paulo não era homem que demonstrasse indiferença para com as festividades judaicas, conforme vemos em At. 20.16. Essas festividades tinham certo significado para ele, mesmo depois de sua conversão ao Senhor Jesus. Porém, o sentido verdadeiro dessas festas simbólicas se encontra na pessoa de Cristo, bem como na vida impoluta que o crente deve viver para seu Senhor. Paulo aborda aqui, especificamente, a questão da purificação moral, da necessidade de uma conduta cristã ideal, da ética cristã; porque, sem isso, nenhuma transformação segundo a imagem moral e metafísica de Cristo (que é o alvo de toda a existência humana), pode ter lugar.

- A penalidade imposta contra aqueles que ingeriam pão levedado, durante a festa dos Pães Asmos era o castigo de açoites. E isso mostrava para os judeus quão séria era a questão. Ora, se podia ser tão importante para um judeu observar uma mera cerimônia, um ritual, então deve ser extremamente importante para um crente viver direito a vida cristã, que é uma espécie de contínua festa de Pães Asmos, na forma de pureza de Vida diária, em todas as suas ações.

- Paulo fala aqui acerca do elevadíssimo ideal cristão, mas que estava muito acima da natureza moral da igreja cristã de Corinto naquele momento, Com isso se pode comparar a máxima de Emanuel Kant, o qual afirmava que devemos tratar aos outros homens como se eles fossem aquilo que podemos desejar que eles sejam.

- Sobre essa declaração apostólica, comentam Robertson e Plummer: “É chegado o tempo de vos expurgardes de todo o fermento antigo; porquanto o Cordeiro já foi morto, e a vossa casa ainda não foi perfeitamente purificada: estais atrasados! (Ver Dt. 16.6; Mc. 14.12 e Lc. 22.7)... A força do apelo que faz aqui o apóstolo, seja como for, é patente; mas ganha certo vigor se supusermos que ele tinha em mente a tradição que aparece no quarto evangelho, isto é, que Cristo foi crucificado no décimo quarto dia do mês judaico de Nisã, o dia determinado para o sacrifício do cordeiro pascal. Podemos asseverar que a tradição paulina, tal como a tradição joanina, faz da morte de Cristo, e não da última ceia, o antítipo da páscoa; mas dificilmente podemos apresentar o apóstolo Paulo como testemunha definida em favor da data do décimo quarto dia do mês de Nisã”. A despeito do fato que a páscoa original não tinha vinculação alguma com o perdão dos pecados, com a expiação pelos pecados, contudo não demorou muito para que se revestisse de tal significado, ao tornar-se parte do sistema de sacrifícios do judaísmo.

- Cristo Jesus morreu durante o período da páscoa. Agora Paulo escrevia de maneira bem clara, para os crentes que viviam naquela época. Os crentes judeus que habitavam em Corinto talvez tivessem limpadado suas casas do fermento literal; mas a igreja de Corinto, a “casa de Deus” naquela cidade, permanecia repleta de fermentação, a despeito do fato de que o Cordeiro pascal, que é o Senhor Jesus, já tinha sido sacrificado. Assim sendo, os crentes não mostravam o devido respeito ao Senhor Jesus, mostrando-se muito mais respeitosos ao Senhor do que os judeus eram respeitosos para com seu sistema legal.

- Cristo tornou-se o nosso cordeiro pascal, o sacrifício perfeito pelos nossos pecados, e, por Seu sangue, todo pecado pode ser purificado (Ef. 1.7; Hb. 9.22; Ap. 1.5). Uma vez que Ele nos libertou da escravidão do pecado, não devemos nos relacionar com os pecados do passado (“fermento velho”).

Texto da leitura bíblica em classe:

ÊXODO 12.1-11

1 E falou o SENHOR a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo:

- A iluminação divina é afirmada acerca da instituição da páscoa. Isso nos ensina, posto que indiretamente, o teísmo. Deus comunica-se com os homens e faz intervenções na história humana. O deísmo, por sua parte, ensina que talvez tenha havido um Deus criador (mas que pode ter sido uma força cósmica ou poder criador, pessoal ou impessoal), que logo em seguida abandonou a sua criação e a deixou aos cuidados das leis naturais. O teísmo, porém, ensina que houve um poder criativo (sem dúvida, pessoal), que jamais abandonou a Sua criação, mas continua a guiá-la, impondo justiça, mediante a recompensa aos justos e o castigo dos injustos.

- A Bíblia é uma obra eminentemente teística. Parte do teísmo consiste na idéia da revelação. Deus pode revelar-se por meio de experiências místicas externas e poderosas. Ou, então, o Senhor pode utilizar-se de sonhos, visões etc. Ou Deus pode mesmo enviar-nos o Seu Anjo. Como diz o autor aos hebreus, “havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho...” (Hb. 1.1,2).

- Certos feriados eram instituídos pelo próprio Deus. A Páscoa era o feriado que celebrava a libertação de Israel do Egito e lembrava às pessoas o que Deus tinha feito. Hoje, comemorar algumas datas em família e na igreja também pode ser importante como lembrança do que Deus tem feito por nós. Devemos desenvolver tradições em família para destacar o significado de certas datas. Elas servem como lembrança para as pessoas mais velhas e experiência de aprendizado para os mais jovens.

2 Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano.

- Haveria um novo começo. O costume babilônico era começar o ano pelo que é agora o nosso outono. Lemos em Ex. 34.22 que Israel começaria seu ano no que, no outro hemisfério da terra, era o outono (nossa primavera). Portanto, Israel agora alinhava-se ao costume babilônico, posto que por motivos independentes. A páscoa, que fazia Israel lembrar-se de sua libertação da servidão egípcia, assinalaria uma Nova Era, portanto a páscoa marcava o começo do ano.

- Este mês refere-se a Nisã (março-abril), o qual, no calendário eclesiástico pós- exílico, marcava o começo dos meses (ver Lv. 23.5,23-25). De acordo com o calendário agrícola mais antigo, o ano novo começava no outono (Ex. 22; 23.16; 34.22).

- Os acontecimentos aqui registrados ocorreram no sétimo mês do ano civil, que começava em setembro-outubro. Mas o ano religioso passou a começar nesse tempo. Dotado de um novo calendário, o povo de Israel recebia uma nova identidade, como o povo favorecido por Deus, a caminho de volta à Terra Prometida. Dessa maneira teria cumprimento certo aspecto do Pacto Abraâmico (ver Gn. 15.18), porquanto Israel teria um território pátrio.

- Doravante, Israel teria dois anos, um civil e outro sagrado. O ano civil começava no mês de Tisri, no outono, ao encerrar-se a colheita; e o ano sagrado começava no mês de Abibe (mais tarde chamado Nisã), seis meses antes. Até hoje Israel ainda considera o mês de Abibe (ou Nisã) como o início de seu ano sagrado, e Tisri como o início de seu ano civil

- Pelo fato de a Páscoa assinalar um novo começo para Israel, o mês em que ela ocorreu (março/abril em nosso calendário) tornou-se o primeiro dos meses de um ano novo para a nação. O propósito, aqui, foi lembrar ao povo que sua própria existência como povo de Deus resultou do seu livramento do Egito, mediante os poderosos atos redentores de Deus.

- São os seguintes os meses do calendário hebreu, com a devida correspondência e as festas sagradas: 1) Nisã ou Abibe (Ex. 13.4, 23.15, 34.18; Dt. 16.1; março/abril; páscoa – Lv. 23.5, pães asmos – Lv. 23.6 – e primícias da colheita – Lv. 23.10); a palavra Abibe significa “espigas verdes”, pois nessa época começava a colheita; 2) Liar ou Iyyar ou Zive (1Rs. 6.1,37; abril/maio; segunda páscoa – Nm 9.10-11); 3) Sivã (Et. 8.9; maio/junho; pentecoste ou festa das semanas – Lv. 23.16); 4) Tamuz (junho/julho); 5) Abe (julho/agosto); 6) Elul (Ne. 6.15; agosto/setembro); 7) Tisri ou Etanim (1Rs. 8.2; setembro/outubro; trombetas – Nm. 29.1, Lv. 23.24 –, dia da expiação – Lv. 23.27 – e tabernáculos – Lv. 23.34); 8) Maresvã ou Marchesvã ou Bul (1Rs. 6.38; outubro/novembro); 9) Quisleu ou Quislev (Ne. 1.1; novembro/dezembro; dedicação – Jo. 10.22); 10) Tebete (Et. 2.16; dezembro/janeiro); 11) Sabate (Zc. 1.7; janeiro/fevereiro; purim – Et. 9.24-32); 12) Adar (Et. 3.7; fevereiro/março).

- Para manter a relação dos meses lunares com o ano solar, era necessário acrescentar periodicamente um 13º. Mês, chamado “2º. Adar”. Os meses judaicos normalmente são identificados nas Escrituras pelo número, e não pelo nome.

- A lei da religião acerca de dias, semanas, meses, anos e forma de adoração foi totalmente abolida no Novo Testamento. Não se faz menção a nenhum mês em particular em todo o Novo Testamento, quando comparada às 158 vezes no Antigo Testamento. Paulo condena a observância dos dias, dos meses, das épocas e dos anos, e o respeito para com feriados, a lua nova ou os dias de sábado como eventos essenciais para a salvação na nova aliança (Rm. 14.5-6; Gl. 4.9-10; Cl. 2.14-17).

3 Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada casa.

- Para que os israelitas fossem poupados da praga da morte, em cada casa um cordeiro sem defeito teve de ser imolado, e seu sangue aspergido nos umbrais das portas. Isto significava que, ao matarem o cordeiro, os israelitas estariam derramando sangue inocente, e o animal sacrificado servia de substituto do primogênito que seria morto naquela casa. Desse ponto em diante, o povo hebreu entenderia com clareza que, para ser poupado da morte, uma vida inocente deveria ser sacrificada em seu lugar.

- “Aos dez deste mês” refere-se ao dia da instituição e observância da páscoa. A páscoa era uma observância de cada família, e o cordeiro pascal era a figura central. No livro de Deuteronômio o caráter doméstico é substituído por um feriado religioso nacional. Finalmente, tornou-se um dos sacrifícios efetuados no templo. Ver Ez. 45.21-25; Lv. 23.5; Ed. 6.19,20; 2Cr. 30; 35.1-19; e ainda o livro apócrifo de Jubileus 49.

- As orientações aqui dadas, a escolha do cordeiro no décimo dia do primeiro mês etc., de acordo com a *Mishna*, aplicavam-se somente ao rito original, o qual sofreu modificações em tempos posteriores.

- “Um cordeiro”, no hebraico *seh*, é o filhote da ovelha. Também poderia ser usado o cabrito, o filhote da cabra (ver v. 5, abaixo comentado). Ambos os filhotes eram usados durante a páscoa, mas acabou prevalecendo, por costume, o cordeiro, de acordo com uma antiga tradição.

- A nação de Israel estava organizada por famílias, clãs, tribos e príncipes. Essa observância era importante para as famílias, e, então, para a nação, em todas as suas expressões. Um cordeiro era selecionado para cada família, a menos que esta fosse muito pequena, quando então duas famílias podiam reunir-se para celebrar juntas a páscoa. Estavam envolvidas razões econômicas (ver o v. 4, abaixo comentado).

4 Mas, se a família for pequena para um cordeiro, então, tome um só com seu vizinho perto de sua casa, conforme o número das almas; conforme o comer de cada um, fareis a conta para o cordeiro.

- Sacrificar um cordeiro era um evento econômico vantajado. Uma família ou casa pequena podia compartilhar um cordeiro com outra família. Josefo diz-nos que dez pessoas era o número mínimo de uma casa. Esse número tornou-se o padrão para a organização de uma congregação ou minissinagoga judaica. Quando duas famílias se uniam para celebrar a festa, elas ficavam separadas no aposento, de costas uma para a outra, e assim era preservada a unidade doméstica, apesar da cooperação.

- Um cordeiro pascal precisava ser consumido inteiro, e uma família dificilmente poderia fazer isso em uma única refeição. Nenhuma pessoa podia comer sozinha do cordeiro pascal. A festa não tinha valor no caso de uma pessoa isolada. Era uma festa doméstica, uma observância comunal. A espiritualidade sempre se manifesta melhor em um esforço grupal, o que não isenta o indivíduo de outras práticas e observâncias solitárias, mas o convida a participar do espírito de comunidade.

- Cada cordeiro seria morto para um certo número de pessoas, as quais, juntas, deveriam observar a páscoa. Os rabinos não permitiam menos de dez pessoas para um cordeiro e não mais de vinte.

5 O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras

- Originalmente, qualquer desses filhotes (cordeiro ou cabrito) podia ser usado, embora depois fosse tradicional servir um cordeiro. Os Targums mostram que a preferência era dada ao cordeiro, embora também se usasse, ocasionalmente, um cabrito.

- Não poderia haver nenhum tipo de defeito físico, deformação, enfermidade etc. Como é óbvio, isso fala da impecabilidade do Cordeiro de Deus (ver 1Pe. 1.19 e Jo. 1.29).

- O cordeiro ou cabrito teria que ser um animal que já tivesse completado seu primeiro ano de vida, ou que ainda estivesse dentro de seu primeiro ano de vida, sem ter ainda atingido essa idade. A Septuaginta fala em um ano completo, o que tem levado a maioria dos estudiosos a pensar em uma idade exata do animal a ser sacrificado. Mas há quem suponha que a prática original fosse abater um cordeiro ainda bem novo, talvez com apenas algumas semanas de nascido. Uma vida preciosa era sacrificada com esse propósito religioso. Todas as vidas preciosas pertencem a Deus Pai; e é Sua responsabilidade cuidar de todas elas.

6 e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde.

- A celebração da Páscoa destinava-se a lembrar a noite em que o Senhor “ignorou” a casa dos israelitas. Os hebreus seguiram as instruções de Deus e aspergiram o sangue de um cordeiro no umbral de suas casas. Naquela noite, o primogênito de toda família sem o sinal do sangue na porta foi morto. Desse modo, o cordeiro prenunciava Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que derramou o Seu sangue para tirar o pecado do mundo. Dentro das casas, os israelitas fizeram uma refeição com cordeiro assado, ervas amargas e pão feito sem levedura. Os Pães Asmos poderiam ser feitos rapidamente, pois a massa não precisava crescer, e assim eles podiam partir a qualquer hora. As ervas amargas significavam a amargura da escravidão.

- O animal a ser sacrificado era separado do rebanho no décimo dia do mês, e, então, guardado para o sacrifício por quatro dias. Os rabinos alistam quatro coisas supostamente derivadas dessa exigência, a qual acabou não sendo preservada senão no começo da história de Israel, a saber: 1. Originalmente, os cordeiros foram consumidos na terra de Gósen, na residência de cada família israelita. 2. O cordeiro era separado no décimo dia do primeiro mês. 3. O sangue do cordeiro abatido era usado para lambuzar ambas as ombreiras e a verga da porta de entrada de cada casa. 4. O cordeiro era comido às pressas.

- O décimo quarto dia era o dia do sacrifício do cordeiro da páscoa. Qualquer pessoa poderia matá-lo.

- Quando foi descontinuada a exigência acerca do décimo dia, naturalmente também foi eliminada a exigência referente ao décimo quarto dia. Talvez aquele período intermediário de quatro dias desse ao povo tempo amplo para que as pessoas se certificassem de que o animal não tinha defeito. Essa questão não podia ser tratada de modo superficial. Em tipo, de acordo com alguns intérpretes, isso mostra Cristo preservado em Sua infância, enquanto estava sendo preparado para Sua missão expiatória.

- A parte final deste versículo indicava, inicialmente, que cada família cumpriria o seu dever religioso. Todas as famílias, em seu conjunto, formavam a congregação de Israel. Posteriormente, passou a haver um sacrifício comunal, quando a questão se tornou parte da adoração no templo. Os chefes de família reuniam-se em um só lugar para efetuar o sacrifício comunal. Os críticos vêem aqui uma referência a esse costume posterior, e não à forma primitiva da observância. A *Mishna* entende que três grupos de famílias entravam sucessivamente no átrio do templo, para matar os cordeiros escolhidos. Nesse caso, para preservar a exigência original de que o sangue fosse aspergido, os chefes de família formavam uma espécie de brigada com baldes, apanhando o sangue dos animais sacrificados e, então, aplicando-o às ombreiras e às vergas das portas de cada casa. Ou, então, o sangue era derramado ao pé do altar, que assim veio a substituir, posteriormente, as portas de entradas das residências.

- O sacrifício era feito à tarde. Logo, tratava-se de uma festa noturna, celebrada durante o tempo da lua cheia (v. 8; ver também Is. 30.29). Os judeus tinham duas tardes. A primeira era às 15h (a hora nona, hora em que Jesus morreu – Mt. 27.46) e a segunda às 18h, ou quase no pôr-do-sol. De acordo com a ortodoxia judaica, o abate do animal ocorria ao aproximar-se a noite. A *Mishna* diz-nos que era apropriada qualquer hora depois do meio-dia para esse abate. Os samaritanos, os caraitas e os saduceus especificavam o crepúsculo, antes de as trevas absolutas cobrirem a terra. A prática original por certo era consumir o cordeiro pascal durante a noite. Josefo explicou que,

em seus dias, o sacrifício tinha lugar entre a nona e a décima primeira horas (entre as 15 horas e as 17 horas).

7 E tomarão do sangue e pó-lo-ão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem.

- O sangue era porção do sacrifício que, de acordo com a antiga crença, destinava-se ao poder divino (ver Lv. 1.5). Originalmente, o sangue foi aplicado às ombreiras e à verga da porta de cada casa, ou seja, a parte mais santa e dedicada da casa (Lv. 21.6; Dt. 6.9). No dia da matança dos primogênitos no Egito, isso atuou como uma medida protetora contra o anjo destruidor, que, vendo o sangue aplicado, passaria por sobre a casa assim protegida.

- Alguns estudiosos supõem que o uso do sangue, conforme aparece na primeira páscoa, realmente antecedeu o evento, como um rito antigo que apelava aos poderes divinos em busca de proteção contra forças espirituais malignas, para que fosse preservada a paz na família. A porta, como entrada que dava acesso à casa, seria o lugar lógico onde era aplicado o sangue protetor.

- O cordeiro da Páscoa e seu sangue prenunciam Jesus Cristo e seu sangue derramado, como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo. 1.29,36; Is. 53.7; At. 8.32-35; 1Co. 5.7; Ap. 13.8).

- O mesmo anjo destruidor (o Anjo de *Yahweh*) que matou os primogênitos do Egito também foi o anjo protetor de Israel. Assim foi e assim será sempre: escolhermos como o Poder Divino haverá de relacionar-se conosco. No caso dos israelitas, o cordeiro era morto em lugar dos filhos primogênitos, o que aponta para o poder vicário do sacrifício de Cristo.

- Talvez o sangue também simbolizasse um laço que congregava a família e a comunidade, tendo-se tornado assim um sinal do pacto que todos eles compartilhavam com *Yahweh*.

- O sangue do cordeiro pascal fazia uma expiação simbólica pelos membros da família que se protegesse com o sangue aplicado à porta de sua casa. Isso os protegeu da ira divina que estava à solta naquela noite.

- Isso era feito mergulhando um maço de hissopo no sangue e colocando-o em ambas as ombreiras ou linel da porta. Representava o sangue de Cristo aspergido em favor dos cristãos (Mt. 26.28, 1Pe. 1.2,18,19, Hb. 9.13,14,22, 10.19, 13.20). Nenhum sangue deveria ser aspergido na soleira da porta para que os pés o pisassem (Hb. 10.29).

8 E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães asmos; com ervas amargas a comerão.

- Alguns têm pensado que o rito, antes de fazer parte da páscoa, consistia em comer carne crua. Mas essa prática teria sido descontinuada por Israel. Os judeus deveriam assar o cordeiro e não deveriam comer nenhuma parte crua, como os egípcios que comiam carne crua em honra a Osíris. Assim, Deus estava procurando, de toda maneira, livrar Israel de todas as práticas idólatras e honra a qualquer deus falso.

- O trecho de Dt. 16.7 parece sugerir que carne cozida era uma alternativa para a carne assada. A proibição ao consumo de sangue não permitia que a carne fosse comida crua. A *Mishna* diz que

o cordeiro era assado mediante o uso de um espeto de madeira de romãzeira, que atravessava a carcaça. Não eram permitidos nem metais e nem grelhas. Em suas condições primitivas, no deserto, o povo de Israel podia assar o cordeiro com mais facilidade do que usar qualquer outra forma de cozimento. Posteriormente, porém, os cordeiros eram cortados em pedaços e cozidos (1Sm. 2.14,15).

- Originalmente, o *matzoth* (ou *matsah*), a festa dos pães asmos, era distinto da páscoa. Porém, havia uma festa preliminar e primitiva dos pães asmos, em conjunção com a páscoa. Todos esses ritos desenvolveram-se em tempos posteriores, e todos eles, em alguma forma primitiva, provavelmente antecederam o evento do êxodo e da páscoa.

- O pão asmo era espremido ou amassado, sem levedura, que é uma forma de fermento e representa o pecado (1Co. 5.6-8).

- As ervas amargas simbolizavam os sofrimentos de Israel antes de sua libertação, e, como tipo, apontavam para os sofrimentos de Cristo. A *Mishna* dá os ingredientes necessários.

9 Não comereis dele nada cru, nem cozido em água, senão assado ao fogo; a cabeça com os pés e com a fressura.

- A carne do cordeiro não podia ser comida crua, por causa do sangue. Ver Gn. 9.4; Lv. 3.8; 7.26 quanto a essa proibição e suas razões. Intérpretes judeus chegaram a debater se o animal deveria ser assado com suas pernas dobradas dentro ou fora da carcaça. Isso parecia importante para eles, embora para nós seja algo inteiramente sem valor. Fato é que o cordeiro deveria ser assado sem que nenhum osso fosse quebrado (v. 46; cf. com a experiência de Jesus, em Jo. 19.32-36).

- O carneiro também não poderia ser cozido, nem em água, nem em leite, como era costume na época. Deveria ser todo assado no fogo, incluindo a cabeça, os pés e a fressura.

- Fressura é o conjunto de vísceras do animal, ou seja, coração, fígado, bucho, pulmão etc. Alguns dizem que o canal intestinal não está incluído, não devendo ser ingerido. As entranhas deveriam ser tiradas, limpadas cuidadosamente, e repostas em seu lugar.

- Justino Mártir disse que o animal era preparado para ser usado mediante o uso de dois espetos de madeira, um perpendicular e outro transversal, formando uma espécie de cruz, o que, sem dúvida, tipifica muito aptamente o Cristo crucificado.

- O fato de que o cordeiro tinha de ser preparado e consumido inteiro, apontava para a obra divina completa e perfeita, o perfeito sacrifício expiatório de Cristo.

10 E nada dele deixareis até pela manhã; mas o que dele ficar até pela manhã, queimareis no fogo.

- Coisa alguma podia restar do cordeiro pascal; mas, se porventura sobrasse, isso teria de ser consumido no fogo, sem sobrar nenhuma porção da carne. A razão disso é que coisa alguma do sacrifício sagrado podia ser consumido com propósitos profanos, como almoçar no dia seguinte.

- Ademais, ao escapar do Egito para o deserto, Israel não seria capaz de levar consigo almoços extras. Tinham de caminhar o mais desimpedidos que fosse possível. Talvez a totalidade do

sacrifício (o seu uso por inteiro) tipificasse Cristo em Sua completa pessoa divino-humana, o qual realizou um sacrifício perfeito, uma expiação sem o mínimo defeito. Cristo cumpriu a Sua missão nos papéis de Profeta, Sacerdote e Rei, e isso de modo perfeito.

- Ainda mais, era um sacrifício noturno que não permitia que nada sobrasse até a luz do dia seguinte.

- Na literatura clássica há um paralelo geral deste versículo do livro de Êxodo. Catão referiu-se a um certo G. Albidius que queimou todos os vestígios de seu sacrifício por motivo da *propter viam*, ou seja, uma viagem apropriada e próspera, que ele faria no dia seguinte. Cumprir de modo absoluto o sacrifício era reputado como algo que agradava aos deuses, que então concederiam uma jornada próspera.

11 Assim, pois, o comereis: os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a Páscoa do SENHOR.

- Essa foi a instrução final. Israel estava com pressa para deixar para trás a servidão. O cordeiro pascal era comida estando as pessoas em pé, de sandálias e as vestes cingidas. Esses eram sinais externos da pressa que eles sentiam, por ordem de Deus. Esse foi um dos quatro elementos que não prosseguiram na observância da páscoa em tempos posteriores. O cajado e as sandálias eram objetos que as pessoas usavam fora da casa. Assim, apesar de estarem ainda dentro de suas casas, eles estavam preparados para sair delas, prontos para a jornada. Comiam vestidos para viajar. Já tinham estado no Egito por tempo bastante. Um novo lar e um novo destino esperavam por eles.

- As sandálias usualmente eram tiradas por ocasião das festividades e dias santos (ver Gn. 18.4,5; Lc. 7.44; Jo. 13.5). Na páscoa, porém, essa situação era revertida. O cajado era companhia constante dos viajantes, seu apoio e ajuda, e, ocasionalmente, sua defesa contra algum animal ou bandido que porventura atacassem (ver Sl. 23.4).

- Esta linguagem figurativa indica a necessidade de obediência irrestrita e imediata da parte do povo de Deus.

- Comer o banquete da Páscoa vestidos e prontos para a viagem era um sinal de fé dos hebreus. Embora não estivessem ainda livres, eles precisavam estar preparados, porque Deus havia dito que os tiraria do Egito. Demonstramos nossa fé quando nos preparamos para o cumprimento das promessas de Deus, por mais improváveis que estas possam parecer.

- A palavra hebraica para Páscoa, aqui, deriva de um termo que significa “coxear” ou “saltar” (2Sm. 4.4; 1Rs. 18.21,26). Mas aponta para o fato que o anjo destruidor passou por cima das casas protegidas pelo sangue do cordeiro, aplicado às ombreiras e verga da porta (Ex. 12.23).

- Temos aqui o primeiro uso da palavra páscoa na Bíblia. Alguns pensam que a palavra é de origem egípcia e significaria então “abrir as asas para proteger”, mas a maioria dos estudiosos prefere o sentido do hebraico. Ver os versículos 24 a 27 deste capítulo, quanto ao fato de que a páscoa foi fatal para os egípcios, mas serviu de livramento para o povo de Israel.

- Destaquemos, por fim, sete mandamentos aqui listados para a primeira páscoa, que não foram observados nas páscoas seguintes: 1) o sacrifício do cordeiro, aqui, era para ser feito pela congregação, cada família sacrificaria o seu (v. 6); depois, esse ato passou a ser incumbência dos sacerdotes; 2) o ato de passar o sangue do animal nas ombreiras e na verga das portas (v. 7) só

fazia sentido na primeira páscoa; 3) o ato de comer a páscoa com os lombos cingidos (v. 11); 4) as sandálias nos pés (v. 11); 5) o cajado na mão (v. 11); 6) o comer apressadamente (v. 11); 7) a proibição de sair da porta até o amanhecer (v. 22).

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. **Uma jornada de fé: Moisés, o êxodo e o caminho à terra prometida**. Editora CPAD, 2013.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A Celebração da Primeira Páscoa**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Uma Jornada de Fé – A formação do povo de Israel e sua herança espiritual**. Editora CPAD, 2014.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A Celebração da Primeira Páscoa**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A Celebração da Primeira Páscoa**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A Celebração da Primeira Páscoa**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.